

# A ALMA DOS ANIMAIS

*A alma dorme na pedra, sonha na planta, move-se no animal, desperta no homem.*

(Da sabedoria oriental.)

J. MARTINS PERALVA

Não é fácil o homem aceitar a tese de que os animais têm alma, apegado que está à idéia de que o gênero humano é privilegiado perante as leis que presidem à Criação. É penoso para ele, do alto de seu milenar orgulho, admitir que o Espírito, centelha divina, encarnando brilhantes inteligências, cursando universidades e institutos científicos, passou pela fieira animal, ali ensaiando os passos iniciais da maravilhosa senda evolutiva.

Não estamos fazendo, neste artigo, uma abordagem especificamente ecológica; contudo, nos dias atuais, quando países de menor ou maior porte civilizatório criam leis e organizam movimentos destinados a amparar o homem, proteger o animal, preservar a planta, estas considerações não deixam de apresentar conotação ecológica.

Escritores de renome defendem o princípio da existência da alma, ou princípio anímico, nos animais, evidenciando que, não apenas os homens, mas eles também não escapam ao binômio "nascimento-morte".

Allan Kardec, o eminente Codificador da Doutrina Espírita, em "O Livro dos Espíritos", compêndio filosófico que estabelece os princípios gerais da Terceira Revelação, afirma que os animais têm alma — alma rudimentar, que se humanizará com o tempo, "que sobrevive ao cor-

po", conforme vemos no capítulo *Os animais e o homem*, nas Questões ns. 592 a 610.

O acervo mediúnico de Francisco Cândido Xavier, "a mais perfeita antena psíquica do mundo", a nosso ver, no momento em que redigimos este trabalho com 330 livros publicados e algumas dezenas nas editoras, é rico em primorosos conceitos sobre o palpitante tema.

Através de Chico Xavier, cuja credibilidade moral e potencialidade mediúnica não sofrem contestação, Emmanuel, na obra "Alvorada do Reino", assevera:

*"O animal caminha para a condição do homem, tanto quanto o homem evolui no encaço do anjo."*

A consciência esclarecida de hoje, apanágio do ser humano, que pensa, raciocina e discerne, substitui a consciência nebulosa, fragmentária de ontem.

Na citada obra, o guia espiritual do querido médium mineiro preceitua:

*"No reino animal, a consciência, à feição de crisálida, movimenta-se em todos os tons do instinto, no rumo da inteligência, objetivando a conquista da razão sublimada pelo discernimento."*

André Luiz, no livro "Os Mensageiros" (\*), descreve, no

(\*) Em torno desse livro o autor deste artigo escreveu a obra "Mensageiros do Bem."

Capítulo 15, uma nesga do mundo espiritual:

*(...) "Esquisita vegetação subia do solo, de espaço a espaço, entre os grandes abismos. Aves de horripilante aspecto surgiam, medrosas, de quando em quando, enchendo o silêncio de pios angustiados. Rija ventania soprava em todas as direções."*

São formas primitivas, submetidas, como todas as expressões da Vida Universal, no cadinho do tempo, ao irreversível processo do aperfeiçoamento.

Utilizadas no plano espiritual pelos mensageiros divinos, as almas dos animais condicionam-se ao crisol evolutivo, educam-se, pacientemente, sob a compassiva custódia dos prepostos do Cristo, o celeste Governador Espiritual da Terra.

Os conhecimentos atuais não possibilitam o exato conhecimento do período de permanência das almas dos animais no plano extrafísico, onde estagiam o tempo necessário para o oportuno retorno à paisagem terrestre, sendo digna de registro a afirmativa das Entidades que ditaram a Codificação de que voltam à Terra "quase imediatamente."

Emmanuel, com o apuro de sua linguagem e a dimensão de sua cultura milenar, oferece-nos, na obra "O Consolador", belíssima síntese sobre o fascinante assunto:

“A Vida do animal não é propriamente missão, apresentando, porém, uma finalidade superior que constitui a do seu aperfeiçoamento próprio através das experiências benfeitoras do trabalho e da aquisição, em longos e pacientes esforços, dos princípios sagrados da inteligência.”

André Luiz, em “Nosso Lar”, uma de suas notáveis obras, informa:

“Os cães facilitam o trabalho, os muarens suportam cargas pacientemente e fornecem calor nas zonas onde se faça necessário (...)”,

concluindo:

“Não se pode prescindir da colaboração dos animais nas regiões espirituais ainda impregnadas de reflexos terrestres.”

Vejamos outro sugestivo apontamento do querido benfeitor:

“Estacaram as matilhas de cães ao nosso lado, conduzidas por trabalhadores de pulso firme.”

É necessário esclarecer que a presença das almas dos animais no Além não pode ser interpretada, como alguns supõem, como meras criações mentais, mas de indefectíveis realidades espirituais, noutra dimensão vibratória.

Formas-pensamento, clichês astrais, quadros ideoplásticos, fenômenos criptomnésicos etc. realmente existem no plano espiritual, representando paisagens e coisas desprovidas de inteligência.

A inteligência e o comportamento dos animais no plano espiritual, identificados por médiuns respeitáveis, transcendem essa idéia.

Sábios eminentes, como Gabriel Delanne, Charles Richet e

Ochorovicz, segundo referência do famoso pesquisador Ernesto Bozzano, em seu livro “Pensamento e Vontade”, abordaram o assunto.

Yvonne A. Pereira, médium também de indiscutível respeitabilidade, no portentoso livro “Memórias de um Suicida”, dá notícia de

“formosas parselhas de cavalos brancos, nobres animais cuja extraordinária beleza e elegância incomum despertariam nossa atenção.”

A médium, em desdobramento, isto é, fora do corpo físico, complementa:

“Dir-se-iam, porém, exemplares da mais alta raça normanda, vigorosos e inteligentes, as belas crinas ondulantes e graciosas, enfeitando-lhes os altivos pescoços quais mantos de seda, nveos e finamente franjados.”

O assunto é, realmente, fascinante, avultando a sua importância em nossos dias, quando a consciência ecológica, humanitária e sensível procura acionar a sociedade, autoridades e povo em geral, para a necessidade do carinho e da proteção ao homem, à flora, à fauna.

Léon Denis, denominado “o poeta da filosofia espírita”, pela cristalina beleza do seu estilo e pela opulência de seus conceitos, na magnífica obra “O Problema do Ser, do Destino e da Dor” faz bela definição sobre a romagem evolutiva do princípio espiritual:

“Na planta, a inteligência dormita; no animal, sonha; só no homem acorda, conhece-se, possui-se e torna-se consciente. (...)”

Cairbar Schutel, nascido no Rio de Janeiro e falecido em Matão-SP, na excelente obra “Gê-

nese da Alma”, enriquece esse estudo com opulento material informativo, lembrando-nos, conclusivamente:

“Os animais são seres vivos que sentem, que se cansam, que têm força limitada, e finalmente, que pensam, e que, em limitada linguagem, acusam a sua impotência, a sua fadiga irreparável aos golpes do relho e das bastonadas com que os oprimem.”

E o apóstolo de Matão lança o apelo em favor dos animais, via de regra cruelmente tratados:

“Senhores! Acariciai os vossos ginetes, os vossos cães, dai-lhes remédio na enfermidade, tratamento, liberdade e repouso na velhice!”

Ilustrando a tese de que os animais têm alma, transcrevemos da obra citada três sugestivos relatos:

“Não há muito tempo a imprensa da Europa e do nosso país se ocupou do *Consul*, um chipanzé que percorreu a Europa: fumava como um homem e assistiu a vários banquetes em Paris, sentando-se com a compostura de um fidalgo.”

“Outro chipanzé muito célebre foi o *Empereur*, aplaudido no Teatro Olimpia de Paris: preparava o seu chá, comia com faca e garfo, passeava de bicicleta.”

“Um outro, de nome *Esakú*, foi muito célebre em Londres, onde o chamavam o gentleman chipanzé. Andava sempre vestido segundo a última moda, trajava smoking, comia à mesa com toda correção; possuía conta corrente no banco de Londres e, diante de seus espectadores, assinava cheque. Esse macaco morreu de pneumonia, contraída ao sair do teatro, numa noite fria e úmida. Tinha quatro anos; e o seu proprietário só se consolou com a sua morte pela perspectiva de receber o seguro que ele fizera da vida de *Esakú*, e que atingia a milhares de libras esterlinas.”

“Gênese da Alma”, livro recomendável pela erudição e hones-